

FÃS BRASILEIROS DE DORAMAS SUL-COREANOS E K-DRAMALAND: DISTINÇÕES CULTURAIS, ALTERIDADE E IDENTIDADES

BRAZILIAN FANS OF K-DRAMAS AND K-DRAMALAND: CULTURAL DISTINCTIONS, OTHERNESS AND IDENTITIES

FANS BRASILEÑOS DE LOS DRAMAS COREANOS Y K-DRAMALAND: DISTINCIONES CULTURALES, ALTERIDAD E IDENTIDADES

Ligia Prezia Lemos

■ Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), com pós-doutorado também pela USP. Pesquisadora do GELiDis-USP e do GRUPA-UNIP. Desde 2018 integra a coordenação do GP Ficção Televisiva Seriada, Intercom. Áreas de estudo: linguagem, discurso, narrativa transmídia, TV paga e VoD no Brasil, ficção televisiva do leste e sudeste da Ásia, estudos de fãs.

■ *Doctora y maestra en Ciencias de la Comunicación por la Escuela de Comunicaciones y Artes (ECA-USP), con posdoctorado también por la USP. Investigadora del GELiDis-USP y del GRUPA-UNIP. Desde 2018 integra la coordinación del GP Ficción Televisiva Seriada, Intercom. Áreas de estudio: lenguaje, discurso, narrativa transmedia, TV por suscripción y VoD en Brasil, ficción televisiva del este y sudeste de Asia, estudios de fans.*

■ E-mail: ligia.lemos@gmail.com

Mariana Marques de Lima

■ Jornalista. Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Áreas de estudo: ficção televisiva brasileira e do leste e sudeste asiático, crítica jornalística de ficção, jornalismo cultural, representação social nas ficções.

■ *Periodista. Doctora en Ciencias de la Comunicación por la Escuela de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo (ECA-USP). Maestra en Comunicación y Semiótica por la Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUC-SP). Áreas de estudio: ficción televisiva brasileña y del este y sudeste asiático, crítica de ficción periodística, periodismo cultural, representación social en la ficción.*

■ E-mail: marit.mlima@gmail.com



RESUMO

Distinções culturais relacionadas a alteridade (Merleau-Ponty, 2019; Trouillot, 2011) e identidades (Hall, 2016, 2019) integram o escopo teórico que direciona a presente pesquisa sobre recepção de doramas sul-coreanos por fãs brasileiros. Foi realizada pesquisa de campo com objetivo de observar hábitos, comportamentos e costumes entendidos como cultura sul-coreana e/ou como constitutivos da K-dramaland (Schulze, 2013). Resultados verificaram percepções culturais nas categorias: comportamento doméstico, relacionamentos amorosos e relações hierárquicas. O artigo conclui que os fãs, ao consumirem esses doramas, estabelecem apenas parcialmente a distinção entre o que seria cultura sul-coreana e o que seria criação da K-dramaland.

PALAVRAS-CHAVE: DORAMAS SUL-COREANOS, ALTERIDADE, IDENTIDADE, FANDOM BRASILEIRO.

ABSTRACT

Cultural distinctions related to otherness (Merleau-Ponty, 2019; Trouillot, 2011) and identities (Hall, 2016, 2019) are part of the theoretical scope that directs this research into the reception of K-dramas by Brazilian fans. Field research was carried out with the aim of observing habits, behaviors and customs understood as South Korean culture and/or as constitutive of K-dramaland (Schulze, 2013). Results verified cultural perceptions on categories: domestic behavior, romantic relationships and hierarchical relationships. The article concludes that fans, when consuming K-dramas, only partially establish the distinction between what would be South Korean culture and what would be the creation of K-dramaland.

KEY WORDS: K-DRAMAS, OTHERNESS, IDENTITY, BRAZILIAN FANDOM.

RESUMEN

Las distinciones culturales relacionadas con la alteridad (Merleau-Ponty, 2019; Trouillot, 2011) y las identidades (Hall, 2016, 2019) son parte del alcance teórico que orienta esta investigación sobre la recepción de dramas coreanos por parte de los fans brasileños. Se realizó investigación de campo con el objetivo de observar hábitos, comportamientos y costumbres entendidas como cultura surcoreana y/o como constitutivas del K-dramaland (Schulze, 2013). Los resultados validaron percepciones culturales en las categorías: comportamiento doméstico, relaciones románticas y relaciones jerárquicas. El artículo concluye que los fans solo establecen parcialmente la distinción entre lo que sería la cultura surcoreana y lo que sería la creación de K-dramaland.

PALABRAS CLAVE: DRAMAS COREANOS, ALTERIDAD, IDENTIDAD, FANDOM BRASILEÑO.



1. O eu e o outro: distinções culturais, alteridade e identidades

A circulação de doramas¹ sul-coreanos se intensificou no Brasil a partir da década de 2010, primeiramente por meio dos fansubs, gerenciados por grupos de fãs dedicados a traduzir, legendar e distribuir conteúdo audiovisual, em trabalho voluntário, de fãs para fãs (Urbano, 2020; Andrade, 2021; Vieira, Rocha, França, 2015). Apesar de amadores, os fansubs gerenciam plataformas de streaming semelhantes às comerciais, com navegação avançada e variedade de conteúdo disponível; e são ativos nas redes sociais, onde compartilham links e promovem debates sobre doramas. Com o passar do tempo, os fansubs começaram a realizar os serviços de tradução para empresas de streaming, como Viki Rakuten e IQIYI e, posteriormente, Netflix.

Novas formas de distribuição e consumo de produtos audiovisuais no mercado global (Gun, 2020) indicam a “diversidade de nacionalidades de origem nos fluxos da cultura televisiva contemporânea, bem como nos padrões de consumo dos públicos” (Urbano, Araujo, 2017, p. 3). Atualmente, o sucesso dos doramas sul-coreanos no Brasil pode ser percebido pelo crescimento do número de produções da Coreia do Sul entre os originais Netflix na composição geral do catálogo brasileiro, conforme dados levantados por

Mungioli, Lemos e Penner, que apontam:

(1) o contínuo aumento da quantidade de títulos originais produzidos pela Netflix na Coreia do Sul e (2) o crescimento percentual da participação da Coreia do Sul na composição do catálogo de originais Netflix Brasil (2023, p. 6).

No campo dos Estudos de Fãs brasileiros há destaque para práticas comunicacionais na interação de fãs do Brasil com produtos da indústria de entretenimento sul-coreano (Almeida, 2019; Santos, Santos, 2018); além do papel da internet na propagação desses produtos. Também se observa a relação das comunidades de fãs no sentido de estabelecer e fortalecer a comunicação entre Coreia do Sul e Brasil (Urbano, Araujo, 2017; Figueiredo, Sousa, 2019).

Para Schulze (2013) a recepção das ficções sul-coreanas pelos fãs internacionais ocorre a partir da culturalização dos elementos encenados nas tramas, em que o sentido de cultura coreana vai se construindo ao longo da assistência de diferentes narrativas. Porém, a absorção da cultura nem sempre ocorre de maneira homogênea, pois muitos desses elementos apresentados nesses doramas não podem ser lidos estritamente como parte inerente da cultura sul-coreana, mas sim como elementos constitutivos da chamada K-dramaland. A K-dramaland se refere a um universo imaginado criado por meio da atividade coletiva de escritores, diretores, atores e espectadores de doramas – e não representa intrinsecamente a “cultura sul-coreana” ou a “sociedade” (Schulze, 2013, p. 373). Portanto, não é necessariamente um retrato fiel da sociedade sul-coreana e seus costumes identitários, mas sim um universo independente cuja matéria prima se refere a alguns aspectos culturais do país. Um universo que retrata e, ao mesmo tempo, não retrata a cultura da Coreia do Sul.

¹ Em 2023, o termo dorama foi integrado ao Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), responsável pelo registro oficial das palavras da língua, com especial atenção à vertente brasileira. O vocábulo é francamente utilizado pelos fandoms do Brasil que o utilizam como fator de identidade, como pode ser comprovado nos nomes de algumas comunidades on-line pesquisadas como, por exemplo, *Dorama Lovers* ou *Dorameiras(o) de Plantão*. Para o fandom, dorama é um termo guarda-chuva, que abrange obras asiáticas pertencentes a culturas de diferentes identidades e localizações geográficas, podendo ser japonesas, sul-coreanas, chinesas, tailandesas, de Hong Kong, de Taiwan entre outras (também conhecidas por suas nomenclaturas em inglês, como J-dramas, K-dramas, C-dramas, etc.).

A nossa cultura adere a nós sem que a percebamos com clareza, e isso se revela singularmente para o outro, fazendo da alteridade (Merleau-Ponty, 2019; Trouillot, 2011; Motta, 2021) um espelho incomum, que mais refrata do que reflete o tempo e o espaço, pois estimula tanto comparações quanto questionamentos. Neste sentido, produtos midiáticos são capazes de revelar e disseminar nossas identidades (Hall, 2016, 2019), pertencimentos e diferenças culturais muito além das narrativas a que se propõem.

Nosso acesso ao mundo se dá a partir da corporalidade, da vida interior e dos pontos de referência que estipulamos e ajustamos a partir de nossa existência e experiências. Daí, nossa concepção de mundo é o que vemos e, mais do que isso, o que aprendemos a ver. Em termos epistemológicos, partimos do pensamento de Merleau-Ponty (2019) que busca entender nosso existir no mundo e nosso encontro com o outro, o dono corpo alheio. Reconhecer nossas diferenças, perceber o que se chama de alteridade, o “se ver” e ao mesmo tempo o “não se ver” no outro, instiga nossa percepção de que nem todos são como somos neste nosso (de todos) estar no mundo em que há diferenças que se traduzem paradoxalmente como atração e medo. Ora, “todos os outros são Outros e o são da mesma maneira” (Trouillot, 2011, p. 139): este ponto nos instigou a observar reações de fãs em comunidades do Facebook a respeito de modos de viver, costumes e hábitos cotidianos sul-coreanos representados na ficção televisiva.

A diferença e a distância forjam a alteridade e instituem quem é o “nós” e quem é o outro. Trouillot (2011) propõe que a diferença entre “nós” e “eles” pode estar no campo discursivo, em que a alteridade implica na introdução de novas vozes ou mesmo novas combinações de sentido que venham a perturbar um ambiente aparentemente estável. Por exemplo, em um

locus em que o “nós” representa algo universal, como o europeu, cristão, masculino e branco; o “eles” representaria a diferença, ou seja, aquele que não é europeu, nem cristão, nem masculino, nem branco (Motta, 2021). Temos incrustada em nós a aceitação de que determinados valores são universais e incontestáveis (Mignolo, 2003) – integrando, assim, a cultura da qual fazemos parte. Por isso, é notável que uma obra de ficção televisiva originária de um ponto distante do globo, em uma língua que não possui nenhuma palavra em comum e uma escrita em que somos analfabetos, pode questionar – e até abalar – esses valores. Neste caso, notamos que fãs brasileiros enumeram diferenças sem serem orientalistas, levando em consideração que o Orientalismo se refere às representações sobre o Oriente construídas historicamente pelo Ocidente, de maneira a perpetuar estereótipos e desigualdades nas relações Ocidente-Oriente (Said, 2007).

O conceito de alteridade surge na antropologia ligado à ideia de se distanciar, de se dispor a explorar novos universos, viajar. E viagens estão relacionadas a mudanças quanto a espaço e tempo, sendo que o retorno possibilita que estejamos dispostos a olhar nossos lugares de sempre com novos olhos. Martín-Barbero (2004), ao citar as viagens da telenovela brasileira pelo mundo, nos lembra de Bauman (1999) que diz que mobilidade é ouro, pois possibilita que mundos de diferentes viajantes não sejam mais exteriores uns aos outros.

Note-se que muitas das construções do outro são baseadas em idealizações e em preconceitos, e esse “outro” ideal – e que, portanto, não existe – pode fazer com que o “outro” real cause “espanto, repulsa e vergonha” (Motta, 2021, p. 37). Afinal, quem é o outro? Qual é a sua identidade?

As identidades modernas vêm sendo descentradas, deslocadas e fragmentadas em um processo que, para Hall (2019) significaria que somos quase pós-concepções fixas. Assim, seu



conceito de sujeito pós-moderno viria carregado de identidades contraditórias e identificações deslocadas, em contraposição a uma identidade unificada, que estaria baseada numa espécie de fantasia narrativa tanto do eu quanto do “outro”. Nesse sentido, para além da globalização, a transnacionalização² – e suas tecnicidades (Martín-Barbero, 2009), representadas, por exemplo, pela disseminação da tecnologia do streaming e consequente circulação de diferentes produtos culturais – estimula uma fragmentação daquela identidade única e estável dos sujeitos, em termos de si e de sua visão do outro; quase que colapsando noções de paisagens sociais e de identidades culturais anteriormente concebidas e imaginadas. Há, no presente, um amplo acesso e convívio com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades.

Ambicionando pensar a questão da identidade por meio do consumo de doramas sul-coreanos, aludimos à noção de identidade segundo Hall (2019) a partir de dois eixos: o da identidade sul-coreana percebida nas ficções, e o dos fãs dessas ficções que experienciam novas identidades e passam por processos de ruptura e descontinuidades. Levamos em consideração que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, num processo constante de formação e modificação, em um “diálogo contínuo com os mundos ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 2019, p. 11).

Abordamos a questão da identidade sul-coreana e a maneira como ela é vivenciada pelos fãs brasileiros por meio do conceito narrativa da nação, na acepção de como tal nação é apresentada nas produções culturais, pois

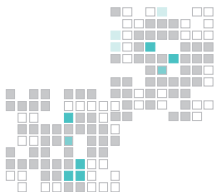
fornece uma série de histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação (Hall, 2019, p. 52).

Por conseguinte, os doramas se inserem nessa dinâmica, dado que tais ficções fazem parte de um sistema de representação cultural concebido pelo próprio governo sul-coreano que, na década de 1990, vislumbrou a importância da indústria do entretenimento para o país.

A ênfase nas origens (Hall, 2019, p. 53) é uma estratégia discursiva para pensarmos alguns aspectos tanto das ficções quanto da ideia de identidade, e nos auxilia na compreensão da formação da cultura nacional no sentido de destacar os elementos da tradição, da continuidade e da intemporalidade. Abarca traços da sociedade que aparentemente são inexoráveis e vistos como imutáveis. Todavia, em se tratando da identidade sul-coreana observada nas tramas, fica evidente a presença do pensamento confucionista, considerado o pilar do comportamento sul-coreano que, com a modernidade e consequentes trocas culturais, se fragmenta e se transforma.

Também aludimos à “invenção da tradição” (Hall, 2019, p. 54), pois a concepção de identidade é definida historicamente e o sujeito assume múltiplas identidades em diferentes momentos, sendo a globalização um dos catalisadores da mudança nas identidades culturais. Desta forma, a tradição inventada consiste num conjunto de práticas de natureza ritualística ou simbólica que tem a finalidade de reiterar valores e normas de comportamentos pela repetição e, ao longo desse processo, dar continuidade a um certo passado histórico adequado. Hall (2019) ressalta que muitas vezes essa tradição pode não ser antiga ou até mesmo ser fabricada, por isso usa

² O fenômeno da transnacionalização permite a circulação de ficções seriadas de diferentes origens, provenientes de dinâmicas relativas à inserção de diferentes países na ordem econômica mundial da atualidade. O transnacional desarranja a relação unilateral estabelecida – do centro para a periferia – e possibilita que players emergentes alterem a hegemonia midiática (Lemos, 2023).



o termo inventada. No contexto dos doramas sul-coreanos, recorreremos à ideia da tradição inventada para explicitar a K-dramaland como conceito definidor desta forma de concepção de mundo ficcional.

2. Percurso metodológico

Realizamos pesquisa de campo, exploratória, de cunho netnográfico (Fragoso et al., 2016), em busca das impressões e percepções dos fãs brasileiros sobre a cultura sul-coreana retratada nos doramas. Nossa hipótese era que os fãs brasileiros percebem aspectos culturais dos doramas como pertencentes à sociedade sul-coreana, sem distinção entre o que seria cultura sul-coreana e o que seria criação da K-dramaland.

Não ambicionamos compreender os trânsitos internacionais de conteúdo per se, e sim verificar uma interface sociocultural específica entre essas duas regiões globais. Essa interface opera como indicadora de compreensão do conceito de alteridade, principalmente a partir de Hall (2019), considerando, como base, o pensamento de Schulze (2013) sobre K-dramaland.

Para isso, em julho de 2022, criamos a primeira versão de um questionário que disponibilizamos para pré-teste em um dos grupos de fãs, obtendo 11 respostas. Realizamos ajustes em duas perguntas fechadas, apresentando mais opções. A seguir, finalizamos e aplicamos o questionário, com seis perguntas, abertas³ e fechadas⁴, a 63 fãs

integrantes de sete⁵ comunidades brasileiras de fãs no Facebook.

As perguntas abertas proporcionaram respostas livres e, com estas, trabalhamos com análise de conteúdo (Bardin, 2011) realizando pré-análise e, a seguir, elaborando uma primeira proposta de categorização, com auxílio de nuvens de palavras⁶ (Lemos, 2016). Efetuamos, em seguida, tratamento de dados e análise da natureza dos assuntos abordados. Vale lembrar que a pesquisa de recepção tem fundamentos qualitativos como pressuposto e parte da ideia de que os sujeitos são produtores de sentido e, por isso, se interessam em negociar, reinterpretar e reelaborar as mensagens dos meios (Jacks et al, 2008), conforme iremos demonstrar na análise mais adiante.

Os 63 fãs respondentes são anônimos e não foram identificados quanto a gênero, raça, escolaridade, faixa etária etc. Esta foi uma escolha metodológica deliberada, pois entendemos que, neste caso, deveríamos garantir o anonimato, preservando a confidencialidade e privacidade dos participantes para obter respostas genuínas, sendo que nosso foco estava mais nas narrativas e respostas pessoais do que na coleta de dados demográficos específicos (Adams et al., 2011). No decorrer do trabalho, apontamos algumas de suas falas destacadas entre aspas na análise a seguir.

3. Resultados e discussões

No que diz respeito aos dados quantitativos obtidos, a observação das respostas às questões fechadas mostra fidelidade dos fãs aos doramas, com 47,6% focados apenas nesse formato. Os

3 Perguntas abertas: (1) Comente algum comportamento ou hábito que chama sua atenção nos K-dramas por serem diferentes dos brasileiros; (2) Qual seu sentimento sobre esses hábitos e comportamentos? (3) Você tinha algum conhecimento sobre a Coreia do Sul antes de assistir doramas? Se sim, o que?

4 Perguntas fechadas: (1) Além dos K-dramas, você consome outros produtos da cultura sul-coreana? Quais? (pode marcar mais de uma opção); (2) Você consome outros formatos audiovisuais sul-coreanos? (pode marcar mais de uma opção); (3) Você produz conteúdo sobre K-dramas? Quais? (pode marcar mais de uma opção).

5 As comunidades são: *Séries e Filmes Coreanos/Doramas/kdramas*; *Doramas coreanos*; *K-Drama Series*; *Doramas Coreanos e outros*; *Dorama Lovers*; *Dorameiras(o) de Plantão!!!*; e *Eu amo Doramas*.

6 As nuvens de palavras foram realizadas online, no gerador Wordclouds.



52,4% dos fãs que exploram também outros produtos culturais sul-coreanos indicaram, pela ordem, gastronomia (27%); bebidas (20%); beleza (12%) e moda (10%). Além disso, 31% consomem música, *novels*, literatura, fanfics e *manhwas*, frequentemente relacionados aos próprios doramas como, por exemplo, as trilhas sonoras ou mesmo as *novels* e *manhwas* que

possuem narrativas que dão origem aos roteiros de grande parte dos doramas (Ver Gráficos 1 e 2). Conjecturamos, inclusive, que todos esses produtos culturais aparentemente distintos estão correlacionados ao universo dos K-dramas em particular e à hallyu⁷ em geral. Destacamos, ainda, que ocorreu um boom de publicações de livros sul-coreanos, após nossa coleta.

Gráfico 1: Consumo de outros produtos da cultura sul-coreana

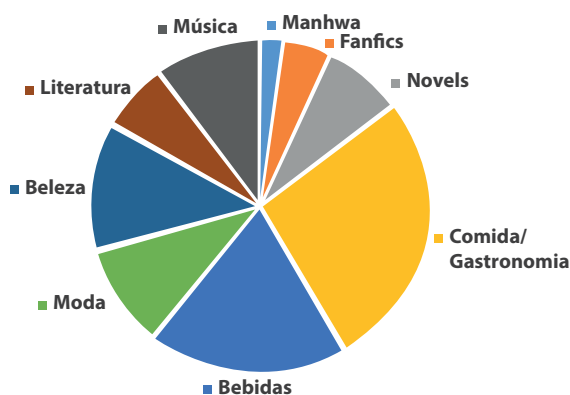
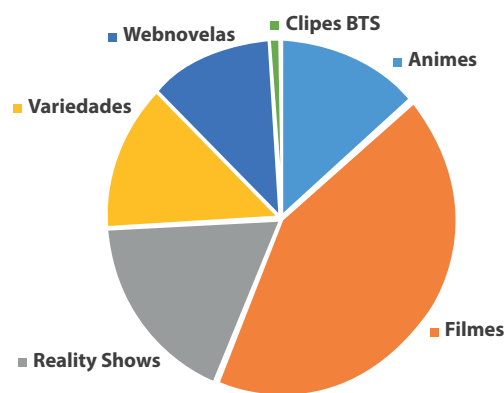


Gráfico 2: Consumo de outros formatos audiovisuais sul-coreanos



Fonte: as autoras (2024).

Quando se trata especificamente de formatos audiovisuais, 39,7% concentram-se exclusivamente em doramas, enquanto 60,3% consomem outros, como filmes, *realities* e *animes*.

Os resultados também revelaram que 46% dos fãs respondentes são produtores de conteúdo, participando ativamente em grupos do Facebook e Instagram, comentando postagens, produzindo críticas e criando conteúdo visual como ilustrações e memes, o que indica a relevância dessas obras e a atividade dos fãs na produção de conteúdo que dialoga com os doramas sul-coreanos.

3.1 Distinções culturais: comportamento doméstico, relacionamentos amorosos e relações hierárquicas

A análise dos dados qualitativos – relacionados aos comportamentos ou hábitos mostrados nos

K-dramas que mais chamaram a atenção dos fãs pesquisados – foi possível graças à criação de três grandes categorias que consideramos a partir das respostas à primeira questão aberta do questionário. As respostas a essa questão (Fig. 1) apontavam para uma significativa percepção de traços da cultura sul-coreana e dos próprios mecanismos da K-dramaland com seus clichês.

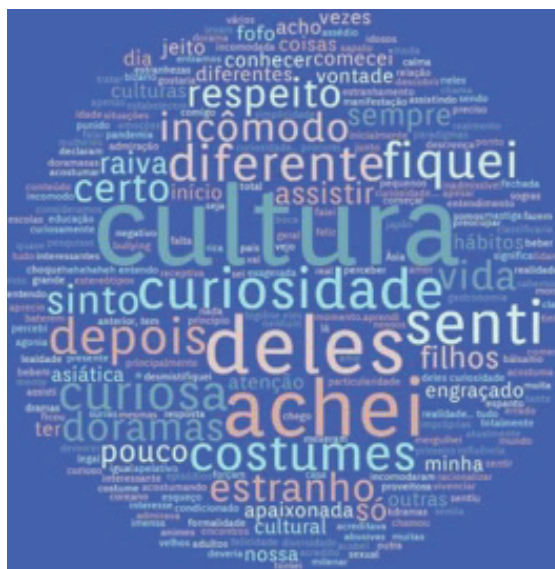
⁷ Hallyu, ou onda coreana, é um fenômeno relacionado à difusão global dos produtos da cultura pop sul-coreana, surgido no final dos anos 90. A promoção da Coreia do Sul através do *soft power* (Nye Jr. 2004) (a capacidade de influenciar e atrair outros países e culturas através de recursos como cultura, valores, diplomacia e ideias) visa estabelecer diálogos transnacionais e impulsionar o desenvolvimento econômico do país.



Figura 1 Comportamento ou hábito que mais chamou a atenção



Figura 2 Sentimento ao perceber diferenças



Fonte: as autoras (2024).

Nosso propósito era compreender as percepções culturais e emocionais dos fãs brasileiros de K-dramas em relação aos hábitos e comportamentos retratados. Nesse sentido, análise dos dados referentes à segunda pergunta (Fig. 2) revelou que assistir aos K-dramas parece permitir a certos fãs uma ampliação da compreensão do outro e das diferenças culturais do universo a que esse outro pertence. Por isso, não é de se estranhar que, na nuvem de palavras, a palavra – e subtexto – em destaque na maioria das falas seja, justamente, “cultura”. Em seguida, o substantivo mais citado foi “curiosidade”, sugerindo um interesse em compreender o que é considerado incomum ou “estranho”. Os resultados também indicaram uma oscilação entre a atração e a repulsa em relação a esses comportamentos, evidenciando um caminho de compreensão e aceitação do diferente. Além disso, constatou-se que os K-dramas chegaram a influenciar hábitos de alguns fãs, como o costume de não entrar mais de sapatos em casa

ou de consumir soju, demonstrando um efeito de circulação de identidades culturais.

Em relação à terceira questão, sobre o conhecimento prévio sobre a Coreia do Sul, observou-se que a maioria dos fãs não possuía informações sobre aspectos da vida cotidiana do país antes de assistir aos doramas. Entre os que já conheciam algo sobre o país tivemos em primeiro lugar aqueles que citaram exemplos da cultura pop: Psy, BTS e K-pop; outros destacaram detalhes de geografia e história como a guerra entre as Coreias e ocupação japonesa. O título de Tigre Asiático e a Coreia do Sul como polo tecnológico também foram lembrados. Alguns fãs mencionaram que os sul-coreanos são mais livres do que os norte-coreanos; e, por fim, houve referências à participação em eventos esportivos como a abertura da Copa do Mundo de 2002 e a presença das duas Coreias nos jogos olímpicos. Sublinhamos um ponto importante: é sintomático notar que nenhuma das observações apontadas diz respeito à vida privada, hábitos, costumes,



comportamentos ou diferenças culturais. Todas essas questões que atualmente passaram a fazer parte da compreensão desses fãs sobre a Coreia do Sul estão ligadas ao que foi aprendido ao assistir doramas.

Portanto, a partir dessas pistas e com o objetivo de compreender a inserção dos doramas sul-coreanos em nosso país e seus desdobramentos no que se refere a questões de identidade e de alteridade, criamos as três categorias de análise e passamos a examinar as respostas quanto às percepções das diferenças culturais que mais chamaram a atenção. As três categorias são: (1) comportamento doméstico; (2) relacionamentos amorosos e (3) relações hierárquicas. A seguir, abarcamos as distinções culturais notadas com o intuito de entender como são assimiladas.

3.1.1 Comportamento doméstico

Entre os hábitos ou costumes que mais chamaram a atenção dos fãs destacam-se os que se referem ao comportamento doméstico. Atitudes concernentes à alimentação, como encher a boca de comida ou falar enquanto come são consideradas estranhas aos brasileiros em geral, que ouvem desde criança a recomendação para não falar de boca cheia. “Comer fazendo barulho” e sentar-se no chão “em mesinhas baixas” para se alimentar ou realizar tarefas como cozinhar ou escrever causam espanto. Ainda quanto à alimentação, há menções à divisão de pratos em restaurantes, ao uso de talheres pessoais em travessas coletivas e à colocação de alimentos no prato dos outros durante as refeições.

O abuso de bebidas alcoólicas é apontado. No Brasil há restrições de horário para propaganda de bebidas na TV, inclusive nas ficções, sendo que personagens de telenovela que nos anos 1980 bebiam demais, só recentemente voltaram a fazê-lo. Sobre isso, destacamos uma fala de fã que diz que o hábito que mais chamou sua atenção foi o fato de tanto as mulheres quanto os homens

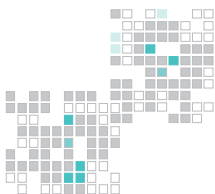
beberem demais e “a família e o par romântico achar isso algo normal, até atraente”.

É nítido que em comentários livres e anônimos sobre produtos culturais sul-coreanos, os fãs brasileiros podem inadvertidamente reforçar estereótipos racistas e preconceituosos. Isto pode ocorrer devido a uma visão superficial e estereotipada daquela cultura, contribuindo para o orientalismo (Min, 2021; Said, 2007). Especificidades de comportamentos e hábitos se destacam nas falas dos fãs devido a sua singularidade, pois são em sua maioria diferentes dos brasileiros. Porém, ocorre que a própria repetição desses hábitos e comportamentos na tela dilui os estranhamentos e, por conseguinte, tais modos de agir vão sendo assimilados como pertencentes a uma cultura diferente: “Foi um certo incômodo porque tinha condicionado na minha mente que todos devem comer de boca fechada e se falar enquanto mastiga é falta de educação, depois de assistir alguns episódios acabei acostumando e percebi que nada do que consideramos como certo é realmente certo em outras culturas, desde então me tornei mais receptiva com as estranhezas de outras culturas”, comenta um fã.

3.1.2 Relacionamentos amorosos

As ficções, de gêneros distintos, tendem a criar seu próprio mundo com suas próprias regras, que devem ser coerentes à proposta de determinado universo ficcional (verossimilhança). Notamos que a temática dos relacionamentos amorosos é propícia para que discutamos diferenças culturais relativas ao que é instaurado pela K-dramaland e o que é próprio das idiosincrasias sul-coreanas.

Um dos comportamentos destacados pelos fãs está presente na fala “Beijar de olhos abertos”. Este ato é constantemente observado nas tramas quando se trata do primeiro beijo do casal. Neste quesito, as diferenças entre o comportamento brasileiro e o sul-coreano parecem se alargar.



A impressão generalizada é que o brasileiro em seu modo de ser – e de ser representado ficcionalmente – tende a ser mais afetuoso e efusivo em demonstrações de afeto (público e privado), diferindo do comportamento sul-coreano visto nos doramas, mais comedido: “O que é mais estranho é o modo em que eles demonstram sentimentos, um abraço ser melhor que um beijo”, sublinha um fã.

Um fator que aparentemente integra a cultura da sociedade sul-coreana vista nos doramas é a visível intromissão dos pais nos relacionamentos dos filhos, papel tão relevante que pode determinar o veto a um cônjuge não pertinente, seja por questões hierárquicas e/ou sociais. Outro comportamento sinalizado pelos fãs concerne à submissão das mulheres nas relações: “O que é mais estranho é como as mulheres são submissas em relacionamentos amorosos, os pais se intrometerem nos relacionamentos”.

O hábito de carregar uma pessoa nas costas é persistente nos doramas e foi salientado nas respostas – e podemos inseri-lo no contexto da K-dramaland. O ato aparenta ser algo somente praticado na ficção, pois para os sul-coreanos parece não condizer com a realidade. Inclusive, o beijo de olho aberto é contraditório, já que normalmente ocorre somente nas narrativas, não apenas sul-coreanas, mas também chinesas e japonesas. Tais elementos podem ter sido criados e difundidos apenas nos universos ficcionais e não integram exclusivamente a cultura, fazendo sentido apenas neste mundo imaginado.

O distanciamento físico e emocional também foi levantado como traço do relacionamento amoroso sul-coreano percebido pelos fãs e se sobressai principalmente nas respostas que apontam para uma visível frieza, o “parco contato físico”, a sutileza no momento da paquera, e pelo fato de que o casal nas tramas costuma protelar o momento do primeiro beijo.

As particularidades neste ponto são percebidas

também via polos opostos, sendo que há tanto quem aprecie essa distinção e ressalte o respeito nas relações, quanto quem a estranhe, até mesmo por se tratar de relação entre adultos. Os fãs mencionam que os casais são reservados na paquera, respeitando etapas como mãos dadas, recato e pouco contato físico.

Observamos que a temática dos relacionamentos românticos vem passando por transformações no contexto das ficções televisivas e deduzimos que é reflexo de mudanças estruturais da sociedade sul-coreana, e que por meio da exportação da sua cultura, ou de sua cultura construída narrativamente, tem se mostrado mais aberta. No início da década de 2010, comédias românticas e melodramas eram compostos por personagens constantemente tipificados, em que se observava uma espécie de modelo de amor verdadeiro, exibição explícita de atitudes machistas (presentes em diferentes relações sociais), e a incomum relação geracional e hierárquica entre sogras e noras, pontuada pelos fãs, com a subserviência desta última que chegava à exploração: “O que mais me chamou a atenção foi o poder exercido pelas sogras e o comportamento submisso das noras (quase escravidão), tendo que cuidar da casa, do marido e da própria sogra”.

Naqueles doramas, os protagonistas masculinos eram retratados como frios, insensíveis, controladores, muito inteligentes e ricos, e se apaixonavam pelas personagens femininas, descritas como gentis, subservientes, tímidas, trabalhadoras, sonhadoras, de bom coração e de classe social distinta de seu par romântico. Essa dinâmica permitia que se acompanhasse a trajetória de transformação do personagem masculino que – influenciado pela mocinha vista em muitos casos como a sua salvadora – consegue, ao lado dela, sair do problema central abordado na trama. Exemplificando essa dinâmica, temos o dorama “Secret Garden”



(SBS, 2010; - Netflix), com enredo em que o personagem masculino, um CEO arrogante e excêntrico, célebre por sua frieza e incapacidade de demonstrar sentimentos, conhece a mocinha pobre e humilde que trabalha como dublê e, a partir daí, iniciam um relacionamento tenso. No desenvolvimento dessa narrativa, vemos comportamentos que hoje seriam classificados como tóxicos, com atos controladores e de extremo ciúme que são interpretados, no caso, como cuidado e zelo.

Recentemente, em alguns doramas, observa-se certa mudança em perfis de personagens masculinos, que parecem exibir um modelo de masculinidade que leva em consideração os anseios da protagonista, mesmo que de maneira idealizada. Assim, temos, por exemplo, o personagem masculino de “Her Private Life” (tvN, 2019 - Netflix/Viki), um homem diferente daqueles comumente retratados, mais sensível, compreensivo, que se comunica bem com sua parceira, com maturidade e sem preconceitos quanto a questões de gosto ou de gênero, por exemplo.

A construção de um modelo ideal masculino difundido fora da Coreia do Sul tem criado uma dissociação entre o homem da ficção e o da realidade. Nas redes sociais digitais, nos deparamos, inclusive, com a crença de que o homem sul-coreano seria idêntico ao das narrativas ficcionais, bonito, elegante e romântico.

3.1.3 Relações hierárquicas

Por fim, as questões hierárquicas depreendidas nas respostas dos fãs evidenciam a influência do confucionismo nas relações sociais entre os sul-coreanos e como ela é percebida pelos brasileiros. A filosofia de vida confucionista não é vista como uma religião e sim como um conjunto de condutas morais que objetivam a ordem social; sendo que as práticas confucionistas (rituais fúnebres, culto filial aos anciões da família, e a hierarquia – esta última uma característica indelével nas tramas) são entendidas pelos fãs como traços intrínsecos

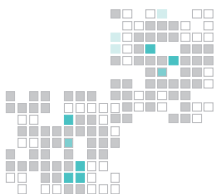
do país.

As questões hierárquicas são citadas com certa inquietação como, por exemplo, no ato de beber virando o corpo para lateral oposta de uma pessoa considerada superior por idade ou cargo profissional. Tal gesto é constante em diferentes doramas e faz parte da etiqueta sul-coreana ao consumir bebidas alcoólicas em grupo. Esse é apenas um exemplo que ressalta a hierarquia na sociedade sul-coreana entremeadada nas múltiplas atividades do cotidiano, inclusive nas regras à mesa.

O ato de se ajoelhar para se desculpar – e também para reverenciar pessoas vivas e mortas – ressoa entre fãs brasileiros, e é visto com fascínio. Presente tanto em doramas sul-coreanos contemporâneos quanto históricos, revela a influência do confucionismo que instaurou transformações consideráveis na estrutura social de Joseon (antiga Coreia),

como a obrigatoriedade dos ritos fúnebres e do culto aos antepassados, a definição de uma estrutura familiar patrilinear, a internalização dos ideais de meritocracia na estrutura de classes coreana e mudanças no currículo das Academias Nacionais (Santos, Cantarino, 2021, p. 2).

Alguns valores confucionistas foram considerados impeditivos para o crescimento econômico sul-coreano; outros como o compromisso com a educação, o empenho em prosperar profissionalmente, e a própria disciplina no que diz respeito ao trabalho, são elementos que compuseram a retomada da economia após sucessivas guerras. Nos doramas, percebemos o quanto a Coreia do Sul como sociedade de orientação coletivista transparece nas tramas, em particular nos quesitos da educação e do trabalho, com narrativas que se voltam inteiramente para essas temáticas e que indicam a importância dos estudos, do ensino superior e consequentemente,



de um bom emprego que irá definir os contornos da vida adulta.

Inclusive, quando uma trama caracteriza determinada profissão, vemos como esta é detalhada para o público, construída de maneira a inserir o personagem num ofício que vai ter um papel específico na ficção. Tal qual uma narrativa da nação (Hall, 2016), os doramas têm apresentado aos fãs brasileiros os contornos de sua filosofia de vida, mesmo que ao longo dos anos esses elementos venham sendo ressignificados.

Mas, os fãs também pontuam as agressões morais e físicas, perpetradas pelos superiores aos subordinados nos doramas, como um modo de tratamento em ambientes corporativos que, no Brasil, seria visto como agressão e assédio moral, punível por lei: “Um comportamento que me surpreende, negativamente falando, é a maneira como os superiores hierárquicos tratam seus subordinados, chegando até a agredi-los”.

Os hábitos e costumes referentes às questões hierárquicas indicadas nos doramas praticamente não têm paralelo no Brasil, causando estranheza entre os fãs gestos como se curvar para cumprimentar, excessiva obediência à família (mãe, pai, avós), ajoelhar-se para pedir desculpas, e o tratamento formal com colegas no trabalho e com estranhos mais velhos.

4. Algumas considerações finais

Certos aspectos culturais inseridos nos doramas são lidos pelos fãs como pertencentes à sociedade, sem distinção entre o que seria cultura sul-coreana e o que seria uma criação da K-dramaland, o que confirma em parte nossa hipótese de pesquisa. Especialmente dentro da categoria dos relacionamentos amorosos, em que se nota nas respostas uma ausência de separação entre comportamentos encenados e o que seria a conduta usual na vida cotidiana.

Por outro lado, os fãs brasileiros que responderam à pesquisa têm facilidade em

assimilar comportamentos que lhes causam certa estranheza, pois são capazes de atribuí-los a aspectos inerentes a outra cultura. Também estão dispostos a compreender esses traços e incorporar o que faz sentido em suas rotinas, como tirar os sapatos ao entrar em casa. Os sentimentos iniciais de estranheza e incômodo estimulam a curiosidade e se encaminham para a aceitação, que pode ser tanto pela compreensão dos elementos da ficção, por meio da verossimilhança, quanto pelo entendimento de que naquela cultura é assim que as coisas funcionam.

A construção de um universo narrativo como política de Estado é uma característica notável dos doramas. A K-dramaland foi edificada como um mundo ficcional com regras e elementos que percorrem diferentes narrativas e que, à sua maneira, apresenta traços característicos da cultura sul-coreana. Em determinada confluência de sentidos, a comunicação desses traços culturais é plenamente compreendida e absorvida pelos fãs brasileiros que participaram de nossa pesquisa. Assim, tais narrativas possuem a potência de retratar atributos da cultura e os dilemas daquele país, que sabe exportar e atrair, em razão de seu *soft power* (Nye Jr, 2004). Estamos diante de um Estado que se dá a conhecer por meio da ficção televisiva e, desta maneira, deixa de ser o outro, passando a se integrar suavemente à realidade do cotidiano dos fãs estrangeiros.

Por isso, em termos comunicacionais, ao tratarmos de alteridade, podemos afirmar que a tecnologia do streaming de vídeo diminuiu distâncias e possibilitou contato com dramaturgias, culturas, identidades e representatividades de distintos povos e culturas. Estamos diante, então, da expansão de campos simbólicos que se abrem à construção de novas percepções de identidade e alteridade, o que representa um avanço no sentido de desnaturalizar e desconstruir preceitos e imposições culturais que constituem nossa compreensão do outro.



Referências

- ADAMS, Tony; BOCHNER, Arthur; ELLIS, Carolyn. Autoethnography: an overview. *Historical Social Research*, v. 36, 2011, p. 273-290.
- ALMEIDA, Naiane Batista de. *O fenômeno hallyu e as práticas interacionais dos fãs brasileiros no contexto do processo do soft power da Coreia do Sul*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFPb, 2019.
- ANDRADE, N. T. *Fãs e a prática fansubbing: uma análise dos fansubs brasileiros de dramas de TV asiáticos*. Bachelor's thesis, Federal University of Ceará, Fortaleza, Brasil, 2021.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- FIGUEIREDO, Dennisy Silva de; SOUSA, Hercilio de Medeiros. Serviços de streaming e a popularização de dramas asiáticos por Fãs brasileiros. *Revista Acta Scientia*. V.1, N.1, jan/jun de 2019, p. 40-49.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- GUN, S. C. A Prática de Lazer na Web a Partir do Consumo de K-Dramas. *LICERE*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, 2020, p. 360-393.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Apicuri, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Lamparina, 12ª edição, 2019.
- JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. *Meios e Audiências: a emergência de recepção no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LEMOS, Ligia Prezias. Série Desalma, GloboPlay: uma discussão sobre transnacionalização e matrizes culturais. *Cambiassu*, 18(31), 2023, p. 148-162. Disponível em: <https://periodicosletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/21041> Acesso em abril 2024.
- LEMOS, Ligia Prezias. Nuvem de tags como ferramenta de análise de conteúdo: uma experiência com as cenas estendidas da telenovela *Passione* na internet. *Lumina* (UFJF Online), v. 10, p. 1-18, n. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21192> Acesso em abril 2024.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Viagens da telenovela: dos muitos modos de viajar em, desde e com a telenovela. In: LOPES, Maria Immacolata V. *Telenovela: internacionalização e interculturalidade*. Edições Loyola, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Perspectiva; 4ª edição, 2019.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais. Projetos globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- MIN, Wonjung. Mis Chinos, Tus Chinos: The Orientalism of Chilean K-pop fans. *International Communication Gazette*, 83(8), 2021, p. 799-817.
- MOTTA, Marina L. P. *Cronotrópicos: Espaço-tempo e alteridade nos relatos de viagem de Mario de Andrade, Gilberto Freyre e Claude Lévi-Strauss*. Dissertação, UFSC. Florianópolis, 2021.
- MUNGIOLI, Maria Cristina; LEMOS, Ligia Prezias; PENNER, Tomaz Affonso. K-dramas originais Netflix no catálogo brasileiro: melodrama e literacia midiática. *RuMoRes*, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 55-76, 2023. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2023.215298. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/215298> Acesso em abril 2024.
- NYE JR., Joseph S. (2004). The benefits of soft power. *Working Knowledge*. Harvard Business School.
- SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SANTOS, Andressa de Souza; SANTOS, Aline Costa dos. Audiovisual nas novas mídias: dramas sul-coreanos no Brasil. *Anais III Jornada Internacional Geminis*. UFSCar, 2018.
- SANTOS, Victoria S. T.; CANTARINO, Nelson M. (2021). Políticas Educacionais e cultura confuciana na Coreia do Sul: desafios para a consolidação de uma sociedade de conhecimento (1945-2000). *XXIX CIC*. Campinas: Unicamp.
- SCHULZE, Marion. Korea vs. k-dramaland: the culturalization of k-dramas by international fans. *Acta Koreana*, vol. 16, n. 2, 2013.



TROUILLOT, Michel-Rolph. *Transformaciones globales: la antropología y el mundo moderno*. Colombia: Universidad del Cauca y Universidad de los Andes, 2011.

URBANO, Krystal. Fansubbers brasileiros e suas políticas de mediação nas redes digitais. *FAMECOS*, Porto Alegre, v. 27, jan.-dez, 2020, p.1-13.

URBANO, Krystal; ARAUJO, Mayara. Os novos modelos de distribuição e consumo de conteúdo audiovisual asiático nas redes digitais: o caso dos dramas de TV na Netflix BR. *Anais X ABCiber*. 14 a 16/12, Escola de Comunicações e Artes, USP, 2017

VIEIRA, Eloy S.; ROCHA, Irla da Costa; FRANÇA, Lilian M. A aproximação entre indústrias midiáticas e os fãs: o caso do DramaFever no Brasil. *Anais XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro, 2015.

Artigo enviado em 15/12/2023 e aceito em 07/05/2024.

